

Comunidade dos *memes*: subjetividade juvenil no *Facebook*¹

Eduardo Yuji YAMAMOTO²

Vinícius Andrade OLIVEIRA³

Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO

O texto apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa realizada na Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO/PR) em parceria com o Colégio Estadual Newton Felipe Albach. Descreve-se aqui o processo de produção científica com alunos de Ensino Médio e os primeiros percursos inferenciais. Enaltece-se a importância da iniciação científica nos estágios iniciais da formação escolar e a necessidade de se disseminar a ciência da Comunicação junto a um público cujos objetos da pesquisa compõem parte significativa de sua existência social imediata.

PALAVRAS-CHAVE: Redes Sociais; Cidadania; Estudo Tipológico.

INTRODUÇÃO

Desde 2010, ano em que foi implantado o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM/CNPq)⁴ em seu quadro de atividades, a Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO/PR) vem promovendo uma aproximação de estudantes do ensino médio com os conhecimentos produzidos em seus grupos de pesquisa. A ideia, dentre outras, é dirimir o abismo existente entre esses dois estágios da educação escolar, familiarizando o estudante de ensino médio com a prática científica.

No que se refere ao curso de Comunicação Social, a importância desse contato com a ciência da Comunicação está não apenas em suprir essa lacuna do conhecimento escolar, mas promover o questionamento sobre o processo de mediatização em que tais estudantes encontram-se atualmente imersos. Uma vez que tais estudantes já nasceram sob o

¹ Trabalho apresentado no DT 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ-RJ). Professor-orientador do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO-PR), email: yujieduardo@gmail.com.

³ Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM/CNPq), email: vinnexd@hotmail.com.

⁴ Cf. RN-17/2006. Disponível em <http://cnpq.br/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/100352>. Acesso em 30 mar. 2016.

predomínio da comunicação massiva e digital-interativa, muitas vezes não conscientes de uma realidade simbólica fora da mediação técnica, a problematização da presença mediática na síntese de processos sociais básicos constituiria um ganho crítico e cognitivo fundamental na formação desses estudantes, mesmo que esses optem, posteriormente, por outros cursos universitários ou decidam interromper a sua vida escolar.

O objetivo deste texto é descrever uma atividade científica realizada com alunos de ensino médio do Colégio Estadual Newton Felipe Albach, localizado na cidade de Guarapuava (PR). A atividade faz parte do projeto “Comunidade de *memes*”, que integra o grupo de pesquisa Estudos de Comunidade e Comunicação⁵.

No projeto em questão, buscou-se apresentar os procedimentos básicos de uma pesquisa em Ciência Sociais Aplicadas. Além de familiarizar os estudantes com conceitos que povoam esta área do conhecimento (como se verá a seguir), pretendeu-se despertar o interesse pelos objetos da pesquisa em Comunicação, razão pela qual se optou por uma ferramenta de grande popularidade e manuseio dessa faixa etária: as redes sociais digitais.

Trabalhar com alunos de ensino médio traz a vantagem de se observar não só a defasagem e o desequilíbrio de conhecimento que, muitas vezes, é despercebida no processo de formação profissional do comunicólogo – o que demandaria, neste caso, um trabalho específico e exaustivo de revisão conteudística nos anos iniciais do ensino superior. Traz também a vantagem de se coletar as percepções diferenciadas que esses alunos têm sobre a realidade social mediatizada em que vivem; detalhes e nuances sobre um possível novo campo simbólico que não pertence ao cotidiano do professor universitário e do pesquisador-orientador.

Hanna Arendt, em seu texto “A crise na educação”, observara como inevitável essa defasagem geracional, isto é, a diferença perceptiva entre o estudante e o pesquisador-orientador. O fato de ambos pertencerem, geralmente, a diferentes historicidades conduz ao fato paradoxal de uma pessoa velha, no caso o pesquisador-orientador, propor algo novo. Sendo que o adulto carrega as determinações de um mundo ultrapassado, não podendo trabalhar com materiais senão com aqueles que lhes foram legados pelos mais velhos que ele, a novidade (ou natalidade) estaria apenas a cargo daqueles que acabaram de chegar ao mundo, aqueles que pertencem às novas gerações, necessitando, entretanto, de que esses

⁵ O projeto está lotado no Departamento de Comunicação Social da UNICENTRO e tem por objetivo pensar as manifestações comunitárias na contemporaneidade trazidas pelo ordenamento tecno-comunicacional e sua incidência na formatação da cultura e dos modos atuais de sociabilidade e responsabilidade humana.

novos sejam tão prudentes em não destruir o mundo herdado dos velhos, quanto em tornar livre esse mesmo mundo para as próximas gerações.

Ao pesquisador-orientador, desse modo, cabe a tarefa de ensinar o modo de produção existente – no caso aqui, a produção de conhecimento científico –, mas também a inscrição das percepções novas, no caso, as inferências ocasionais advindas do estudante no processo de orientação científica.

Essas vantagens, entretanto, equilibram-se com alguns pontos negativos. Principalmente no que se refere à escassez de bibliografia de ensino médio para o estudo da Comunicação, verifica-se a pouca importância destinada aos fenômenos socio-técnicos e midiáticos cada vez mais incisivos na vida social (e também política) desses estudantes.

O trabalho que se inicia junto aos estudantes de ensino médio, embora não proponha a elaboração de material didático sobre Comunicação, propõe pensar os processos e produtos midiáticos como centrais na constituição cidadã do estudante ofertando-lhe um saber iniciático para seus questionamentos comunicacionais.

A PESQUISA

O projeto “Comunidade dos *memes*” foi concebido especialmente para o trabalho com estudantes do ensino médio. Partiu-se do pressuposto de que, em geral, esses estudantes possuem grande afinidade com as redes sociais digitais. O fato de hoje os *memes* terem lugar, predominantemente, nessas plataformas digitais de interação, assomada à evidência do *meme* enquanto estrutura informativa simples, de baixa complexidade, portanto, de fácil manuseio pelos estudantes, foram decisivos para a concepção do projeto.

O trabalho de pesquisa, portanto, incidiria sobre um fenômeno que tais estudantes estariam vivenciando. Se por um lado, essa proximidade pudesse acarretar uma perda aparente de informalidade, neutralidade e objetividade do olhar analítico – eventualmente dirimida pela participação do orientador –; por outro lado, estimularia a consecução da pesquisa dado o interesse – ou curiosidade – em resolver um problema em que o estudante participa diretamente.

O problema, no caso, era entender a lógica do *meme* nas redes sociais, mais precisamente a sua dinâmica replicativa. Em termos informais, seria responder, juntamente com os estudantes, a pergunta: por que compartilhamos os *memes* que compartilhamos?

Basicamente, foram estipuladas três etapas da pesquisa, iniciada no segundo semestre de 2015: a) problematização e estudo dos conceitos; b) pesquisa de campo; c)

levantamento de inferências e conclusões parciais. Conforme a produção inferencial, novas problemáticas para o estudo dos *memes* poderão ser levadas adiante em uma turma de ensino médio do ano subsequente. Contudo, essas novas problemáticas seguiriam essas mesmas três etapas.

No que diz respeito à problematização e ao estudo conceitual, trabalhou-se com dois campos conceituais – a da subjetividade e a do *meme* –, a partir dos quais se buscou uma articulação para, posteriormente, incursioná-los à pesquisa de campo.

O campo conceitual da subjetividade incluía ideias arroladas a ela, tais como sujeito (aquele que projeta uma subjetiva em um espaço) e intersubjetividade (comunidade ou mundo da vida). Já ao conceito de *meme*, vinculou-se ideias como organismo ou sujeito replicador (o mesmo da ação subjetiva) e comunidade dos *memes*. Nos dois conjuntos conceituais, comparece a comunicação: no primeiro caso como espaço cotidiano, que interliga a subjetividade com a intersubjetividade; no segundo caso, como crosta da cultura contemporânea, que conecta os sujeitos a partir dos *memes*, ou melhor, da comunidade de *memes*.

No que se refere à segunda etapa, a pesquisa de campo, essa foi realizada pelos estudantes, sob a supervisão do orientador, após o entendimento dos conceitos de subjetividade, *meme* e de seus funcionamentos nas redes sociais digitais. A predileção de um *meme* e seu compartilhamento, embora diga respeito a uma subjetividade e uma ação do sujeito é, na verdade, determinado pelo *meme*, pois, segundo Blackmore (1999), o *meme* constrói a ilusão do *self*. Buscou-se, nesse caso, encontrar formas de agregação interna dos *memes*, isto é, capturá-los e organizá-los segundo sua autonomia dinâmica.

Finalmente, na produção inferencial, buscou-se relacionar a parte conceitual com os achados empíricos. O confronto entre essas duas instâncias permitiu evidenciar, com os estudantes, as razões que conduziriam a replicação de certas estruturas informativas. A descrição da articulação desses dois campos conceituais, tanto quanto da segunda e terceira etapa da pesquisa, podem ser observadas nos tópicos a seguir.

SUBJETIVIDADE

O conceito de subjetividade constitui-se como um dos grandes problemas do pensamento moderno. Além do senso comum, diversos são os seus usos e apropriações pelas ciências humanas e sociais, de modo que não existe um consenso definitivo para essa palavra. Pois tão problemático quanto trabalhar em um campo semântico dispersivo é

reduzir a multiplicidade dos fenômenos a que se relaciona a subjetividade a uma acepção situacional específica.

Na pesquisa em questão, optou-se pela definição do conceito a partir de um enfoque comunicacional, isto é, lançando mão de autores que concentram a sua produção científica na disciplina de Comunicação. Embora tais autores tragam influências de outras disciplinas, tais como Filosofia, da Psicologia e das Ciências Sociais (especialmente da Antropologia Cultural e Sociologia Urbana), acabam definindo o fenômeno subjetivo em um contexto comunicacional, isto é, no tensionamento entre indivíduo, comunidade e meios de comunicação. É precisamente na relação entre essas três instâncias, na sobredeterminação ou articulação de cada uma sobre as outras duas, que a subjetividade se define.

Tendo como delineador a sua matriz etimológica – *subjectivus*, constituído pelos radicais, *subicere* (colocar sob) e *jacere* (lançar, jogar, atirar) –, procurou-se desenvolver a ideia de subjetividade a partir do indivíduo, isto é, de uma vida interior, uma existência singular e, desde essa instância, buscou-se problematizá-la junto a outras instâncias: a comunidade e os meios de comunicação.

Iniciar a reflexão sobre a subjetividade a partir do indivíduo carrega também a determinação histórica das Ciências Humanas e Sociais, as quais definem a precedência do indivíduo na constituição de fenômenos sociais. É o que se observa, por exemplo, em autores como Ferdinand Tönnies e Max Weber que partem do pressuposto psicológico para pensar a emergência de comunidades e da sociedade (vínculos, associações, instituições etc.). Ou ainda, antes disso, das concepções atomísticas e hilemórficas que condicionarão a maneira de pensar as substâncias individuais.

Esse significado individual da subjetividade é bem sintetizado por Flávia Gonçalves da Silva:

Geralmente, subjetividade é entendida como aquilo que diz respeito ao indivíduo, ao psiquismo ou a sua formação, ou seja, algo que é interno, numa relação dialética com a objetividade, que se refere ao que é externo. É compreendida como processo e resultado, algo que é amplo e que constitui a singularidade de cada pessoa (SILVA, 2009).

O indivíduo, portanto, constituiria a primeira instância da subjetividade em relação a qual, diz Silva, o mundo material se opõe dialeticamente. Para a autora, a subjetividade constituiria a psique do indivíduo – objeto da Psicologia –, mas há aí o mundo externo, material e simbólico que age sobre tal subjetividade determinando-a. Em outras palavras, a

subjetividade, enquanto aquilo que foi jogado sob o indivíduo (*subjectus*), que representa o seu mundo abstrato e interior, depende de um mundo concreto e objetivo que a constitui. Esse mundo é composto por um conjunto de outros indivíduos, ou seja, uma comunidade.

Embora a subjetividade se refira a algo como uma singularidade, um traço pessoal, íntimo do indivíduo, é inevitável a sua contraparte externa constituidora. Emerge daí a noção de sujeito, ou seja, o indivíduo no mundo, aquele que age sobre o conjunto de outros indivíduos segundo determinações que foram anteriormente introjetadas por ele a partir de outros sujeitos.

Um autor que fundamenta historicamente o conceito de subjetividade na sociedade moderna é Muniz Sodré. Para ele, é fundamental pensar tal conceito a partir de (ou concomitantemente a) a ideia de sujeito.

Sujeito e subjetividade, sabemos, são conceitos axiais na centralidade simbólica do ser ocidental. A visão essencialista de uma interioridade psicológica no sujeito humano está presente em Platão e Aristóteles; associa-se à concepção judaico-cristã de alma, que se expande em elaborações sensorialistas na filosofia medieval, e chega ao racionalismo moderno. Com a ênfase do pensar colocada sobre a razão (Descartes, Kant), ou sobre a experiência empírica (Locke, Hobbes, Hume), o suporte humano assenta na idéia constante de uma ordem interior – o “eu”, a interioridade de uma vivência, que classicamente se constitui num dos significados de consciência – cujos mistérios têm sido sondados por pensadores e artistas (SODRÉ, 2002, 149-150).

Segundo o autor, “O ‘eu’ moderno é a subjetividade do Iluminismo”. Parte daí a ideia de comunidade como conjunto consensual de subjetividades, ou seja, sujeitos que agem conforme uma mesma subjetividade, que possuem afinidade de ideias, valores, objetivos, crenças ou tradições.

Observa-se que, subjetividade e comunidade, se num primeiro momento se opõe – como observou Silva na relação entre “subjetividade” e “objetividade” – em um segundo momento, elas se integram permitindo a vida social, a existência coletiva. Daí comparece a chamada intersubjetividade.

Pensadores como Husserl, Habermas, Heidegger, entre outros, dedicaram parte de seus trabalhos ao estudo da relação entre subjetividade e intersubjetividade – ou entre sujeito (ator social) e comunidade (*Lebenswelt*, “mundo da vida”). Sobre tal relação, observa-se o trabalho de Luis Mauro Sá Martino e Ângela Cristina Salgueiro Marques, os quais observam a dinâmica interativa entre sujeito e mundo da vida de acordo com uma recíproca determinação.

O mundo da vida é, como diz Habermas, um ‘emaranhado’ em que os mundos vividos, ‘habitados coletivamente, tal como o texto e o contexto, se entrelaçam, sobrepõem e interligam mutuamente’. Nos contextos de ação do mundo da vida, ao buscarem o entendimento recíproco, de forma cooperativa, os atores tomam contato com a história de vida e com o mundo dos outros, ou seja, de seus parceiros de interação. Esse contato permite que os atores renovem suas tradições e modelos de entendimento e interpretação, permite ainda que desenvolvam e afirmem suas identidades pessoais e coletivas. No decorrer deste processo de comunicação intersubjetiva, as dimensões do mundo da vida são reproduzidas (MARTINO; MARQUES, 2016, p. 114).

Desse modo, pode-se dizer que, assim como a identidade, a subjetividade individual não constitui algo estático, definido desde sempre e para sempre. Tanto essa subjetividade quanto o mundo da vida no qual esse indivíduo atua como sujeito ou ator social estão em constante mudança. Aliás, essa sobredeterminação que recai sobre o sujeito e o mundo da vida advém do percurso existencial do primeiro, no modo como o sujeito tenta compreender a si (realizar-se como existente) e o mundo.

Um sujeito que usa a linguagem para, em interação com outros, buscar esclarecimento recíproco sobre uma questão de interesse coletivo tem em mente as expectativas do outro e, por isso pode construir seus argumentos de modo a procurar satisfazer tais expectativas e, claro, alcançar satisfação pessoal. Agindo nesse sentido é possível produzir, através de um trabalho intersubjetivo, tanto um auto-entendimento (nossas posições e posturas se tornam claras) quanto o entendimento mútuo da situação (IBID, p. 113).

A linguagem constitui um dispositivo importante para compreender a existência dos sujeitos e o mundo da vida em que esses se dispõem. Ela funciona como instância mediadora entre a subjetividade individual e o mundo da vida (comunidade): por um lado, foi através da linguagem, dos textos culturais interligados, que o sujeito teve acesso aos conteúdos que, presentemente, compõe o seu repertório pessoal de informações sobre a sua realidade social imediata, mas também de desejos e medos; por outro lado, agindo sobre o mundo da vida, interagindo com outros indivíduos, acrescentando novas informações ao mundo, o sujeito amplia esse espaço compartilhado de informações.

Em nossa pesquisa, o *meme* constitui um elemento de linguagem. Pois, se em um primeiro momento ele dá acesso ao usuário de uma rede social às informações de um determinado mundo da vida, ao compartilhar (reproduzir, replicar) ou mesmo ressignificar esse *meme*, o sujeito pode ampliar tal mundo. Chamamos de comunidade dos *memes* esses

pequenos mundos da vida que se apresenta contemporaneamente a partir da emergência das redes sociais digitais (a exemplo do *Facebook*) e da ação interativa de seus usuários.

MEMES

A ideia de *meme*, proveniente do biólogo evolucionista Richard Dawkins, de seu livro *The selfish gene* (1976) ou, em português, *O gene egoísta*, refere-se a uma estrutura de informação que se reproduz em uma dada cultura. Semelhantemente ao gene na evolução genética, o *meme* corresponderia à unidade de informação transmitida no processo evolutivo da cultura.

Essas informações vão desde pequenas ideias, estrofes, gestos, imagens, canções e histórias, até informações mais complexas como hábitos, costumes e habilidades de caça. Elas seriam transmitidas entre os indivíduos, inclusive entre gerações, assegurando, através de um sistema de cópias, a integridade daquela informação.

Para Dawkins, é o *meme* quem comanda a evolução, e não o sujeito ou organismo como em geral se supõe. O organismo apenas lhe serve de dispositivo para replicá-lo em sua intenção de sobrevivência e longevidade.

Especula-se que, graças aos *memes*, o Homem conseguiu alcançar um estágio avançado de desenvolvimento social servindo-se de um suporte de informações fundamentais como a agricultura, a caça, os símbolos etc. Porém, tanto as técnicas produzidas e desenvolvidas, quanto as habilidades aprendidas e aperfeiçoadas, foram motivadas pelos *memes* para a sua própria replicação.

No contexto dos estudos de comunicação sobre redes sociais digitais, o *meme* é concebido também como informação cultural, porém materializado em enunciados verbais e imagéticos. Frequentemente, sua estrutura textual é de pouca complexidade, pois visa uma fácil memorização e viralização, ou seja, a sua replicação em um grande número de sujeitos e em uma larga escala de tempo e espaço.

Para Susan Blackmore, os *memes* podem aparecer isolados, emergindo ou fixando-se de modo fragmentado na memória das pessoas, ou formando grandes grupos. Esses últimos são chamados por ela de *memeplexes*.

Just as selfish genes group together for mutual protection, so whenever memes can propagate better as part of a group than on their own they form co-adapted meme complexes, or memeplexes. Memeplexes include languages, religions, scientific theories, political ideologies and belief systems such as acupuncture or astrology.

Like memes, memeplexes spread as long there is some reason for them to be copied. Some are true or useful, others are copied despite being false (BLACKMORE, 1999).

Sejam eles *memes* ou *memeplexes*, a intenção é a mesma: perdurar a informação através da cultura, valendo-se dos organismos replicadores: nós, os sujeitos. A importância de uma ideia como a do *meme* está no fato de subtrair o protagonismo do sujeito – e, nesse caso, contestando conceitos tradicionais associados a ele como alma e espírito – na consecução de aparatos da cultura, restando apenas pura informação.

No exercício proposto aos estudantes de ensino médio, exigiu-se deles não apenas a compreensão da ideia de *meme* do ponto de vista de Dawkins como também a identificação do *meme* em *timelines* e, a partir de semelhanças estruturais em cada informação, o seu agrupamento em *memeplexes*.

INFERÊNCIAS

Após a etapa teórico-conceitual em que se explicitou a relação entre subjetividade e intersubjetividade, entre sujeito e comunidade, buscou-se materializar essa relação no âmbito das redes sociais digitais, mais precisamente, na dinâmica dos *memes*. O *locus* de observação foi a *timeline* da plataforma *Facebook* de uma turma escolar de segundo grau. Ali, durante o período de janeiro de 2015 a fevereiro de 2016, foi coletado um apanhado de *memes* dos mais variados. Abaixo descrevemos as etapas inferenciais do processo de pesquisa.

Primeira etapa: levantamento conceitual sobre subjetividade e intersubjetividade do ponto de vista de disciplinas matriciais da Comunicação Social. Passou-se às noções de subjetividade na Filosofia, Psicologia e Sociologia. Da necessidade de um enfoque comunicacional para a relação subjetividade-intersubjetividade, isto é, a articulação entre indivíduo, comunidade e meio de comunicação, surgiu a ideia de se trabalhar com o *Facebook*. A facilidade de acesso a *memes* e a possibilidade de constituição e observação de comunidades de *memes* em tal plataforma viabilizaram a escolha desse espaço para a pesquisa.

A atividade consistiu também em articular a relação subjetividade-intersubjetividade à dinâmica dos *memes*, isto é, aproximar conceitualmente a subjetividade individual ao *meme* e a intersubjetividade à comunidade de *memes*.

Foi exposto que, sendo a subjetividade o traço de uma individualidade, à medida que o sujeito compartilha um *meme*, nele percebe algo relacionado a sua personalidade ou intimidade – é como se, conforme Blackmore (1999), o *meme* se valesse da identidade do usuário (*I, myself*) para expandir-se, replicando-se por meio de um *click*.

Em correspondência, na medida em que vários *memes* são compartilhados de maneira aleatória formam-se, entre os usuários replicadores, comunidades de *memes*. A ideia de uma comunidade de *memes*, isto é, de um conjunto de textos autônomos estruturalmente interligados, que funcionam como “pano de fundo” à ação do sujeito, determinando-o muitas vezes em sua existência social, está em conformidade com a definição de Dawkins para quem o *meme* (informação textualizada) determina a ação empreendida pelo organismo (sujeito).

É imprescindível observar que as comunidades de *memes* não se identificam com a comunidade pesquisada, nem com os grupos de indivíduos que se constituem no interior dessa comunidade, extrapolando ambas. Isso porque a comunidade de *memes* se estrutura puramente por informação, por algum elemento comum agregador que lhe permite a sobrevivência e a longevidade, independentemente dos valores individuais ou subjetivos. É como se, naquele espaço aparentemente homogêneo de pessoas, de subjetividades individuais, os *memes* encontrassem na forma gregária intersubjetiva um recurso que lhes garantissem uma longa duração no tempo. Numa aproximação um pouco ousada, seria aquilo que Foucault chamou de forma vazia: uma estrutura pura, aberta ao preenchimento e acoplamento de substâncias subjetivas, em que muitas pessoas nela se reconhecem, por exemplo, a forma-sujeito da modernidade.

A primeira inferência que se extraiu dessa observação foi a contestação do automatismo que nos faz pensar que a ação de se fazer comunidade depende da vontade do indivíduo ou de determinações de sua alma ou espírito. Em outras palavras, embora cada indivíduo carregue uma subjetividade, em geral em desacordo com a vida social objetiva, o *meme*, ao buscar a sua ampliação no espaço e no tempo, determina formas de agregação informacional, mesmo que os indivíduos em comunhão sejam diferentes entre si, ou seja, possuam subjetividades individuais dissonantes. É o caso, por exemplo, de pessoas que são diferentes do ponto de vista ideológico, mas compartilham o mesmo *meme* sobre uma situação cômica ou trágica do dia-a-dia.

O fato de pessoas pertencerem inicialmente a um mesmo grupo familiar, religioso, escolar etc. não significa que elas permanecerão completamente fiéis a ele, pois, para a

sobrevivência dos *memes*, é provável que se estructure novas formas de agrupamentos sociais.

Essa primeira inferência levou-nos a especularmos sobre a possibilidade de identificação dessas comunidades de *memes*, ou seja, atingir a forma de organização estrutural que garantiria a integridade de uma matriz de informação. Aqui, utilizamos o conceito de *memeplexes* (BLACKMORE, 1999), ou seja, uma agremiação de *memes* com grande potencial de replicação.

Assim como nos estudos tipológicos, buscamos categorizar (ou tipificar) os *memes* conforme a predominância de informação contida neles. Cada tipo corresponderia a uma comunidade de *meme*, com um conteúdo (o *mememplexo*) que os diferenciaria entre si. Foram encontrados os seguintes tipos: amor aos animais, crítica social, escola, heróis, jogos, lar, pensamentos motivacionais e religião.

Esses tipos continham cada qual a seguinte distribuição quantitativa de *memes*: amor aos animais (6 *memes*), crítica social (6 *memes*), escola (8 *memes*), heróis (24 *memes*), jogos (3 *memes*), lar (6 *memes*), pensamentos motivacionais (16 *memes*) e religião (12 *memes*).

O agrupamento de *memes* por tipos contemplava a atividade científica de busca e identificação de padrões e invariâncias. Sua posterior categorização também constituiu uma atividade importante exigindo a aplicação do pensamento conceitual, ou seja, o enfrentamento do conceito no campo empírico: a intenção era pensar os agrupamentos tendo em vista o conceito de *meme*, ou seja, uma forma de organização autônoma, desvinculada das vontades do sujeito.

Após essa etapa, buscou-se extrair problematizações em cada tipo concebido. Por exemplo, por que uma grande quantidade de *memes* nos tipos “heróis” e “pensamentos motivacionais”?

Inicialmente, deixou-se que as problematizações fossem feitas aleatoriamente no intuito de suscitar o olhar analítico. Adveio daí o questionamento sobre a predominância do catolicismo no tipo “religião” e, na sequência, a hipótese de que se tratar não apenas um grupo de pessoas que, no real histórico, lidam bem com a reprodução de símbolos agregadores (Jesus, oração, cruz etc.), mas que também procuram projetar no mundo digital essa mesma atividade.

Posteriormente, exigiu-se que tal olhar fosse focalizado no problema a ser investigado, ou seja, a autonomia dos *memes* na constituição de *memeplexes*. Observou-se

que, tanto os tipos “heróis”, quanto os “pensamentos motivacionais”, por diferentes razões, obrigam os sujeitos à replicação. No primeiro caso, porque entre a subjetividade humana e a figura do herói, cria-se a dependência de uma figura sobrenatural na relação intersubjetiva, de modo que toda vez que um herói dos quadrinhos ou um personagem de ficção da moda (porém, com características morais e valores positivos idealizados) aparecem numa *timeline*, há necessidade de fazer durar a sua presença. Daí, obviamente, o *memeplex* “heróis” é passado adiante atualizando a sua presença no imaginário dos indivíduos replicadores.

Tal inferência abriu a possibilidade de uma reflexão sobre o mito em diferentes culturas ou das formas de projeção familiar no âmbito social (por exemplo, a figura do Pai na Psicanálise). No entanto, como o foco da pesquisa era a determinação do *memeplex* “heróis” na produção de fenômenos sociais, observou-se que tais sentimentos como o vazio, a solidão, a impotência ou a necessidade de um amparo sobre-natural – que se supõe demasiadamente humano –, na verdade, constitui uma produção informativa, determinada pelo *meme*, no sentido de fazê-lo perdurar.

Sobre o tipo “pensamentos motivacionais”, aplicou-se o mesmo procedimento conceitual, ou seja, perceber de que maneira a motivação estimula a replicação informativa de um *meme*. Constatou-se que o mesmo vazio criado informacionalmente – como descrito acima no tipo “heróis” –, funcionava como motor de replicação de *memeplexes* motivacionais. Primeiramente, instaura-se o vazio e a percepção dele no indivíduo; depois, o sentimento de solidão e abandono a serem sanados, posteriormente, por mensagens motivacionais, de modo que esse vazio fosse apenas parcialmente preenchido.

A provisoriedade deste preenchimento é a grande engrenagem deste *memeplex*. Isso se evidencia em sua especificidade informativa, qual seja, o sentimento de múltiplas possibilidades futuras advindas de uma ação do indivíduo seja ela qual for. O investimento emocional na aquisição e compartilhamento de um *meme* deste tipo, o campo de possibilidades que ele abre, promove uma incompletude naqueles que compartilham que jamais será preenchida, pois a cada replicação retorna-se o campo das múltiplas possibilidades (incompletudes) futuras.

Houve outras inferências importantes acerca dos demais tipos, mas, em virtude da limitação de caracteres para este *paper*, não será possível detalhar neste momento. A conclusão provisória destas inferências iniciais foi de que, nas três comunidades de *memes* descritas (religião, heróis e pensamentos motivacionais), observou-se a criação de um vazio

– segundo a definição de *meme* por Dawkins e Blackmore –, promovida pelos próprios *memes*, de maneira que, conceitos mais amplos como Deus e Eu (*self, I*), constituem uma espécie de “ilusão” produzida pelos *memes* para fazê-los durar no tempo utilizando-se, para isso, de nós, sujeitos.

A segunda etapa da pesquisa, ainda em andamento, pretende relacionar as comunidades de *memes* encontradas com o contexto social e econômico dos replicadores de *memes*. A hipótese é de que os *memplexes* não se organizam conforme delineadores tradicionais ao estudo de comunidades, tais como faixa etária, condição socio-econômica, ideologia etc. Tais delineadores são fundamentais para garantirem a integridade e a sobrevivência dos organismos, mas talvez, pelo fato dos *memes* possuírem uma natureza (informação), um ordenamento e uma destinação própria, encontrando no *memplex* uma forma de sobrevivência, é possível que ela esteja presente em outros agrupamentos humanos apesar das diferenças socio-econômica de seus agentes replicadores. A ideia nesse caso é, a despeito do agregado humano, cartografar os *memplexes*, descobrir novos tipos ou evidenciar o mesmo comportamento mimético enfatizado nessas inferências iniciais.

CONCLUSÃO

Os resultados parciais dessa pesquisa ainda em andamento já nos permite avaliar como experiência exitosa a parceria entre a universidade e as escolas de segundo grau. Embora haja obstáculos como acesso a material didático de comunicação e a atenção de professores ao fenômeno da mediatização na vida escolar, além de fatores mais inconstantes como a assiduidade e a responsabilidade para com a pesquisa, a presença desses estudantes nos espaços e atividades universitárias estimularia a continuidade de sua formação escolar.

A importância dessa experiência transcende não apenas o saber científico, isto é: o estudo de conceitos e sua aplicação em um campo empírico; o levantamento de problemáticas e determinação de um corpus de pesquisa; a coleta e a categorização de *memes*; o levantamento inferencial e a proposição das causalidades etc. Se a ciência fundamenta-se na busca por respostas às curiosidades humanas sobre a sua vida social imediata, na proposição de uma visão crítica ao estado de coisas existentes, reconhecemos que tal fundamento ocupa apenas uma parte da totalidade humana em seu processo contínuo de aperfeiçoamento civilizacional. Um processo que não cessa e que desejamos, com esse projeto, estimular que nunca se acabe.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. In.: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 221-247.

BLACKMORE, Susan. Meme, myself and I. **New Scientist**, 13 March 1999, p. 40-44. Disponível em <<http://www.susanblackmore.co.uk/journalism/NSmeme%201999.htm>>. Acesso em 25 mar. 2016.

MARTINO, Luis Mauro Sá; MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. Modalidades e derivações da comunicação no mundo da vida: sentidos, experiência e interação. **Galáxia** (São Paulo, Online), n. 31, p.105-116, abr. 2016.

SILVA, Flávia Gonçalves. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia da educação**, São Paulo, n. 28, p. 169-195, jun. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em 23 mar. 2016.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.